

# FATORES DE TEXTUALIDADE APLICADOS À COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE ARTIGOS ACADÊMICOS

NASCIMENTO, Maurílio Resende do.  
Bacharelado em Letras  
Centro Universitário Internacional Uninter

## RESUMO

Como sabemos, é indiscutível o caráter de fundamentalidade atribuído ao desenvolvimento e aprimoramento contínuo de boas práticas de compreensão e produção textual, principalmente quando em um contexto de ensino superior. No entanto, muitas são as dificuldades encontradas pelos alunos de graduação nos momentos em que precisam debruçar-se sobre determinada bibliografia, para a partir dela realizar uma produção própria. Torna-se evidente, portanto, a importância da busca por ferramentas que permitam aos alunos de graduação avaliar as qualidades e deficiências dos textos que leem e produzem. Diante deste cenário, o presente artigo pretende explorar e discutir sobre os diversos fatores de textualidade, correlacionando-os de modo a investigar os papéis que desempenham dentro do texto, buscando apreender de que formas este conhecimento pode auxiliar o aluno de graduação a melhor compreender e produzir artigos acadêmicos. O presente estudo, de natureza básica, foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios, utilizando-se, para isso, de uma técnica de pesquisa bibliográfica, baseada em materiais já publicados, como livros, artigos, periódicos, entre outros, que por sua vez exploram e alimentam análises e debates sobre o papel desempenhado pelos fatores de textualidade.

**Palavras-chave:** Linguística Textual. Produção Textual. Fatores de Textualidade.

## **1. Introdução**

O presente artigo objetiva analisar como o estudo dos fatores de textualidade pode ser aplicado ao contexto da produção textual de nível superior, de modo a contribuir para a melhor compreensão e elaboração de artigos acadêmicos. De que maneiras o estudo dos fatores de textualidade pode auxiliar alunos de graduação a melhor compreender e produzir esse gênero textual?

Como sabemos, é indiscutível o caráter de fundamentalidade atribuído ao desenvolvimento e aprimoramento contínuo de boas práticas de compreensão e produção textual, principalmente quando em um contexto de ensino superior. No entanto, muitas são as dificuldades encontradas pelos alunos de graduação nos momentos em que precisam debruçar-se sobre determinada bibliografia, para a partir dela realizar uma produção própria. Torna-se evidente, portanto, a importância da busca por ferramentas que permitam aos alunos de graduação avaliar as qualidades e deficiências dos textos que leem e produzem.

Diante deste cenário, o presente artigo pretende explorar e discutir sobre os diversos fatores de textualidade, correlacionando-os de modo a investigar os papéis que desempenham dentro do texto, buscando apreender de que formas este conhecimento pode auxiliar o aluno de graduação a melhor compreender e produzir artigos acadêmicos.

Orientado por esse objetivo geral, o presente estudo desenvolveu-se a partir da exploração de objetivos específicos, a saber: comentar as principais características da produção textual escrita, elencando semelhanças e diferenças com aspectos da oralidade; identificar particularidades dos fatores de textualidade, sendo eles informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, coerência e coesão; analisar como o conhecimento de tais particularidades pode auxiliar o aluno de graduação a melhor compreender e produzir artigos acadêmicos.

## **2. Metodologia**

O presente estudo, de natureza básica, foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios, utilizando-se, para isso, de uma técnica de pesquisa bibliográfica, baseada em materiais já publicados, como livros, artigos, periódicos, entre outros, que, por sua vez, exploram e alimentam análises e debates sobre o papel desempenhado pelos fatores de textualidade.

## **3. Revisão bibliográfica / Estado da arte**

Para podermos dar início ao desenvolvimento do tema proposto, devemos, primeiramente, considerar o papel desempenhado pela leitura e pela escrita no âmbito do ensino superior.

Como sabemos, a língua apresenta variações cuja manifestação depende, por exemplo, do cenário sociocultural em que seus usuários estão localizados. Existem espaços sociais que respondem adequadamente a um padrão de fala informal, pontuado por gírias e pela coloquialidade, enquanto outros demandam a utilização de modalidades mais formais, por vezes, marcadas por termos técnicos e jargões que raramente são encontrados em diálogos travados em outros círculos sociais.

A academia, enquanto ambiente diversificado, oferece a seus alunos cenários comunicacionais variados. Por consequência, exige de tais alunos que saibam expressar-se de maneira apropriada, seja oralmente ou por escrito. Além disso, constantemente apresenta aos discentes textos complexos, com temáticas profundas, que demandam uma aproximação diferenciada para que sejam devidamente interpretados e compreendidos. Como dizem Marquesin, Benevides e Baptista:

“A escolarização em nível universitário pressupõe uma considerável quantidade de trabalho intelectual que exige leitura, compreensão e expressão — apresentação oral e escrita — de conteúdos que serão usados nas aulas posteriores e tidos como apropriados.”  
(MARQUESIN; BENEVIDES; BAPTISTA, 2011, p. 13)

Considerando os pontos observados, podemos assumir que o aluno que possuir maior familiaridade com maneiras e contextos de comunicação diversificados, demonstrando competências de leitura e escrita bem amadurecidas, apresentará maior desenvoltura ao enfrentar os exercícios propostos pelo ensino superior. Infelizmente, no entanto, muitos são aqueles que chegam a esta etapa de suas vidas sem possuir tais qualidades devidamente desenvolvidas:

“Dos alunos que chegam ao ensino superior, muitos não estão preparados para as rotinas de estudo que a graduação exige. Tem se percebido no meio acadêmico, que, muitos destes alunos apresentam sérios problemas de leitura e escrita, e que estes problemas dificultam a produção científica almejada pelas instituições e professores do ensino superior.” (ANDRADE, 2019)

Sabemos, naturalmente, que a deficiência em leitura e escrita representa um desafio de imensas proporções, que por sua vez está relacionado a diversos fatores que devem ser problematizados. Fatores de ordem social, econômica e pedagógica, por exemplo, que estão presentes desde muito antes do ingresso dos alunos em uma instituição de ensino superior, sendo testemunhados desde os primeiros anos de sua educação básica.

Precisamos observar, no entanto, que não se enquadra no escopo deste artigo o aprofundamento temático em tal aspecto dessa discussão. O que pretendemos, como apontado anteriormente, é explorar possíveis estratégias para um melhor desempenho da compreensão e produção de artigos acadêmicos por parte dos alunos de graduação, com ênfase na análise dos fatores de textualidade, que futuramente serão abordados em maiores detalhes.

Dito isto, partiremos agora para uma análise um pouco mais aprofundada sobre o texto escrito, explorando algumas características da sua relação com a oralidade, e abordando o conceito de textualidade, que nos auxiliará a compreender algumas propriedades que concedem ao texto o sentido necessário para que ele seja devidamente compreendido.

### **3.1 Oralidade e Escrita, Texto e Textualidade**

Diversas são as discussões que podem ser originadas tendo como ponto de partida a diferenciação entre oralidade e escrita. No entanto, interessa a este artigo menos enumerar e explorar detalhadamente cada uma dessas diferenças do que apontar que oralidade e escrita são modalidades de comunicação que estão intrinsecamente conectadas a um contexto social de produção. Como observa Marcuschi:

“(...) mais urgente (e relevante) do que identificar primazias ou supremacias entre oralidade e escrita, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e escrita como simples modos de uso da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e oral) de um modo geral. Essas práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e da escrita numa sociedade e justifica que a questão da relação entre ambas seja posta no eixo de um contínuo tanto sócio-histórico como tipológico.” (MARCUSCHI, 1997, p. 120)

Encontramos nas instituições de ensino superior um ambiente que deposita grande valor na compreensão e produção de textos escritos. Essa constatação, por mais que possa parecer óbvia, é de extrema importância, principalmente, quando associada ao conhecimento de que oralidade e escrita guardam particularidades próprias.

Enquanto as modalidades de fala apoiam-se em fatores como tonalidade e cadência da voz, gestual utilizado, ambiente em que se encontram os falantes, entre outros, as modalidades de escrita apoiam-se, principalmente, na seleção de palavras realizada pelo autor e no encadeamento das ideias por ele utilizadas para a construção do texto.

Logo, cabe ao aluno de graduação habituar-se ao consumo dos mais variados tipos e gêneros textuais, para que a partir das leituras realizadas possa assimilar algumas das principais características de cada tipo de texto. Além disso, acreditamos que conhecer minimamente algumas das propriedades necessárias para a construção de um texto claro e efetivo, capaz de encadear ideias com eficiência e precisão, de modo convincente e interessante para o leitor, prova-se um exercício enriquecedor, recomendado para aqueles que desejam avaliar a qualidade dos artigos que precisarão ler e produzir. Afinal, como afirmam Marquesin, Benevides e Baptista:

“Saber escrever inclui, também, a capacidade de usar a variedade linguística adequada ao gênero de texto que se está produzindo; aos objetivos que se quer cumprir com o texto; aos conhecimentos e aos interesses dos leitores previstos; ao suporte em que o texto vai ser difundido, fazendo escolhas adequadas quanto ao vocabulário e à gramática (ROJO, 2002). Isso envolve dedicar atenção à escolha de palavras e de construções morfosintáticas, com sensibilidade para as condições de escrita e de leitura do texto. É preciso, ainda, saber valer-se dos recursos expressivos apropriados ao gênero e aos objetivos do texto — produzir encantamento, comover ou convencer o leitor. Essas capacidades de uso da escrita, associadas às capacidades de revisar e reelaborar a própria escrita tornam-se fundamentais para que o escritor seja considerado eficiente.” (MARQUESIN; BENEVIDES; BAPTISTA, 2011, p. 18)

Temos, portanto, a escrita como uma atividade que demanda daqueles que a praticam escolhas conscientes e muito bem pensadas, planejadas para a obtenção de um determinado efeito em seus leitores. Principalmente, quando falamos de artigos acadêmicos, escreve-se com um objetivo claro, cujo alcance exige a utilização de recursos que garantam a exposição aos leitores de todos os pontos desejados.

De modo semelhante, o bom entendimento de um artigo acadêmico pode depender de uma reflexão cuidadosa por parte dos leitores sobre não apenas o que está sendo dito, mas também sobre as condições de produção do texto analisado. Muitas vezes, por exemplo, caberá aos leitores refletir sobre as intenções do autor, seus objetivos com o texto produzido, e as escolhas por ele tomadas na tentativa de alcançar tal objetivo.

Em outras palavras, na busca por melhor compreender e produzir os textos apresentados e propostos pelas instituições de ensino de nível superior, caberá aos alunos de graduação atentar-se aos critérios que garantem e sustentam a textualidade dessas produções:

“A textualidade pode ser definida, com base em Beaugrande & Dressler (1981), como um conjunto de características que fazem com que um texto seja considerado como tal, e não como um amontoado de palavras e frases, para as quais seja impossível construir algum sentido, dentro de um determinado contexto de produção e recepção.” (ROCHA, 2014)

Tendo em mente as observações realizadas, lançaremos a partir de agora um olhar um pouco mais aprofundado sobre os fatores de textualidade, com a intenção de compreender em maiores detalhes o que são, e quais são os papéis que desempenham dentro do texto.

### **3.2 Fatores de Textualidade**

Conforme comentado anteriormente, existem diversos critérios que concedem às produções textuais a unidade necessária para que sejam de fato percebidas como textos, e não apenas como um conjunto de frases isoladas reunidas indiscriminadamente e registradas em um determinado suporte físico ou virtual. Em outras palavras, como afirma Costa: “(...) a construção de um texto tem como fundamento vários fatores que promovem a sua unidade e fazem com que sequências linguísticas sejam textos” (COSTA, 2009, p. 128).

É nesse contexto que nos deparamos com os fatores de textualidade (também conhecidos como fatores de textualização) que, segundo da Rocha e Silva:

“(...) dão uma ancoragem ao texto em uma situação comunicativa determinada. Sem eles, não poderia haver qualquer coerência na produção linguística (KOCH e TRAVAGLIA, 2015, p.81). Esses critérios ajudam a estabelecer o texto e, dessa maneira, garantir-lhe a coerência. Os fatores de textualização funcionam como contextualizadores do evento comunicativo. Eles agem juntos, a fim de manter o entendimento e situar o leitor no espaço em que se dá a comunicação.” (ROCHA E SILVA, 2017, p. 35)

Assim, encontramos nos fatores de textualidade elementos que nos auxiliarão não apenas na leitura do texto em si, como também no exercício de contextualização da produção que se deseja analisar. Naturalmente, sua existência prova-se útil também para aqueles que encontram-se a produzir seus próprios escritos, pois atuam como pontos de apoio que ajudam o escritor a constantemente questionar e validar as escolhas por ele realizadas. Os fatores de textualidade são, portanto, “conceitos instrumentais importantes para podermos avaliar a qualidade de um texto e, conseqüentemente, aperfeiçoar nossas habilidades como leitores e produtores de textos.” (HARTMANN, 2012, p. 83)

A partir de agora, conheceremos em maiores detalhes alguns dos fatores de textualidade, sendo eles, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, coerência e coesão; com isso, analisaremos o papel que desempenham dentro do texto e as maneiras como podem contribuir para a melhor compreensão e produção de artigos acadêmicos.

### 3.2.1 Informatividade

Avaliamos com base neste fator de textualidade a capacidade que um texto apresenta de transmitir as informações que seu autor deseja comunicar.

Naturalmente, falamos aqui de uma propriedade que está sujeita à influência de fatores subjetivos, tendo em vista que, por mais que possamos ter em mente um leitor ideal no momento da elaboração de um texto, não podemos garantir que os leitores reais do material produzido possuirão os conhecimentos necessários para realizar uma leitura satisfatória.

No entanto, por mais que devamos considerar o papel exercido pela subjetividade encontrada em cada situação de leitura, alguns autores apresentam critérios que podem ser utilizados de maneira um pouco mais objetiva como pontos de avaliação da informatividade de um texto. Critérios como “imprevisibilidade” e “suficiência de dados” que, como observaremos a seguir, relacionam-se com escolhas realizadas pelo autor do texto:

“Para avaliar a imprevisibilidade, Beaugrande e Dressler (1978: 140-141) propõem uma escala de três ordens, aplicável (e efetivamente aplicada) pelo falante comum. Na primeira ordem os autores enquadram as ocorrências de elevada previsibilidade e, conseqüentemente, baixa informatividade, como os clichês e estereótipos, as frases feitas, as afirmações sobre o óbvio. (...) Na segunda ordem ficam as ocorrências em que o original e o previsível se equilibram, angariando boa aceitabilidade, porquanto apresentam novidade sem provocar estranheza. São de terceira ordem as ocorrências que, aparentemente pelo menos, não figuram no leque de alternativas possíveis e que, por isso mesmo, desorientam, ainda que temporariamente, o recebedor.” (COSTA VAL, 2006, p. 31-32)



Já a avaliação da suficiência de dados de um texto demanda "examinar se o texto fornece ao receptor os elementos indispensáveis a uma interpretação que corresponda às intenções do produtor" (COSTA VAL, 2006, p. 32).

Ao considerar as observações realizadas, logo percebemos que refletir sobre a informatividade no momento de produção de um texto pode se mostrar uma decisão importante para que sejam realizadas escolhas eficazes não apenas sobre as informações que serão passadas para o papel, como também sobre a maneira como tais informações serão comunicadas.

### **3.2.2 Intencionalidade**

Este é um conceito teórico que, como o próprio nome sugere, está relacionado aos objetivos do autor para com o texto que está escrevendo. A depender da finalidade que o autor deseja alcançar com sua produção, ele precisará tomar decisões que adequem a forma e o conteúdo do texto em desenvolvimento, de modo a garantir o alcance eficaz do intuito almejado.

No contexto da produção de artigos acadêmicos, falar sobre intencionalidade implica refletir sobre a importância do planejamento do texto. Afinal, como mencionamos anteriormente, este gênero textual demanda o estabelecimento de objetivos claros e muito bem definidos, que por sua vez moldam não apenas a maneira como escrevemos e estruturamos o texto, como também as fontes das quais nos utilizamos como referencial teórico para baseá-lo.

Trata-se, portanto, de uma ferramenta que nos auxilia, enquanto escritores, a pensar e repensar as estratégias que utilizamos para apresentar ao público leitor o conteúdo desejado. Lembrando que tais decisões, relacionadas ao arranjo adotado para as ideias apresentadas em um texto, também exercem influência sobre o nível de dificuldade encontrado pelos leitores no momento de realizar a leitura e a análise de uma determinada obra.

No entanto, precisamos observar que, mesmo sendo de grande importância, a intencionalidade é um conceito polivalente, justamente por se manifestar tanto pela

perspectiva do autor de uma obra quanto pela perspectiva daqueles que irão lê-la e analisá-la.

Logo, a tentativa de estabelecer a intenção motivadora por trás de um determinado texto pode provar-se um exercício extremamente complexo, posto que muitos são os indivíduos que se aproximam de suas leituras com intenções completamente distintas daquelas apresentadas pelo autor no momento da produção do texto.

### **3.2.3 Aceitabilidade**

A aceitabilidade, por sua vez, trabalha como elemento complementar à intencionalidade, posto ser um fator de textualidade relacionado à disponibilidade apresentada pelo interlocutor em receber o conteúdo do texto apresentado. Em outras palavras:

“Na certeza de que a intencionalidade e a aceitabilidade são elementos que se relacionam, é possível estabelecer, então, que esta corresponde à predisposição do parceiro para apreender, captar os sentidos do que é dito pelo outro. Constitui também um esforço de cooperação, no que resulta, para a atividade verbal, na existência de uma cooperação mútua cujo efeito maior é a comunhão de sentidos e de intenções.” (ANDRADE; PENEDO, 2016, p. 50)

Diante das observações realizadas, é importante pontuar que uma comunicação eficaz resulta de um processo cooperativo entre aquele que produz o texto (seja oral ou escrito) e aquele que por sua vez irá recebê-lo.

Embora o escritor possa ser apontado como grande responsável pelo sucesso de um texto em comunicar a mensagem desejada, cabe também aos leitores aproximar-se do texto de forma ativa, adotando estratégias de leitura e fazendo uso dos conhecimentos de mundo necessários para tornar possível e também para facilitar ao máximo o processo de compreensão e análise das obras.

Do ponto de vista do autor, nos cabe compreender que, por mais que ele não detenha maneiras de garantir com total certeza que seu texto será completamente aceito

por aqueles que o recebem, é de sua responsabilidade pensar a aceitabilidade do trabalho que está produzindo.

Nesse aspecto, podemos assumir que a aceitabilidade funciona como ponto de equilíbrio para a intencionalidade, pois permite ao autor do texto avaliar se as escolhas por ele realizadas correspondem tanto aos seus desejos para com a obra produzida, como também aos critérios necessários para viabilizar o acesso desse conteúdo ao público almejado.

### **3.2.4 Situacionalidade**

Este fator de textualidade está relacionado ao contexto em que determinado texto está inserido. Quando falamos em contexto, devemos considerar que esta relação pode ser observada a partir do sentido do autor para a obra, já que o escritor deverá construir o seu trabalho de modo a corresponder às condições estipuladas por sua situação de produção, assim como a partir do sentido da obra para o interlocutor, que realizará este contato sob as circunstâncias determinadas por sua situação de recepção.

Sobre a situacionalidade, Andrade e Penedo comentam:

"A situacionalidade é o modo como se relaciona o evento textual à situação (social, cultural, ambiente). Marcuschi (2008) assevera que o contexto não serve apenas para a interpretação do texto, mas para orientar a criação dele. Para o autor, a situacionalidade é um critério estratégico, vez que pode ser vista como um critério de 'adequação textual', ou seja, uma estratégia que permite tornar um texto coeso e coerente adequando-o à situação de comunicação, levando-se em consideração a intenção comunicativa, objetivos, destinatários, regras socioculturais, recursos linguísticos e outros elementos da situação." (ANDRADE; PENEDO, 2016, p. 49)

Quando relacionada aos fatores de textualidade comentados anteriormente, observamos que a situacionalidade acaba por englobar diversos dos aspectos também associados aos demais, tendo em vista ser um critério que perpassa as intenções do autor para com o trabalho em desenvolvimento, a aceitabilidade manifestada por esse trabalho, e também sua capacidade de passar adiante a mensagem que deseja comunicar.

Ao que corresponde aos interesses deste artigo, aproveitamos a abordagem deste fator de textualidade para reiterar como é importante para o aluno de graduação pensar cuidadosamente sobre as necessidades do texto que está desenvolvendo. Assim, poderá escrevê-lo da melhor maneira possível, realizando as escolhas necessárias para que sua criação esteja de acordo com o esperado pelo contexto de produção e pelo contexto de recepção em que se encontra. Tal exercício implicará não apenas em escolhas lexicais, como também na utilização das melhores estratégias para seleção e exposição das ideias que servirão de base para o texto escrito.

### **3.2.5 Intertextualidade**

Para entendermos a intertextualidade, devemos primeiramente refletir sobre o fato de que nenhum texto pode ser apontado como inteiramente original. Pelo contrário: nossas criações, de forma direta ou indireta, relacionam-se com as diversas produções que a antecederam, não apenas baseando-se em algumas delas, mas estabelecendo verdadeiros diálogos com esses textos, que por sua vez estão também em contato com outras obras, produzindo com isso uma teia de referências em constante desenvolvimento e evolução.

Além disso, ao produzir um texto estamos disponibilizando-o para que faça parte desse diálogo ininterrupto, para que futuramente seja recuperado, criticado, endossado ou refutado por outros autores. Como observa Silva:

"A intertextualidade (...) é um recurso que estabelece contato entre textos. Intertextual significa exatamente isso: relação entre textos, a partir de repetições, menções, paráfrases, epígrafes, paródias, comentários, sobreposições etc. Sua percepção está diretamente ligada ao conhecimento de mundo e exige uma bagagem cultural relativamente grande, pois é preciso identificar elementos de outros textos, ou outros textos propriamente ditos, quando de sua ocorrência, sob pena de não conseguir captar ou entender a totalidade do sentido pretendido – porque de alguns textos só se percebe o sentido se conseguirmos contrapô-los com outros." (SILVA, 2012, p. 99-101)

A partir da intertextualidade entendemos que o texto não é um evento isolado, configurando-se essa característica como uma de suas mais poderosas propriedades, tendo em vista que é justamente essa capacidade de estabelecer diálogos com outras obras que nos permite contemplar o que já foi produzido por outros autores e, a partir desta análise, contribuir para a construção de novos conhecimentos.

Do ponto de vista pragmático, caberá aos alunos de graduação buscar, a partir da análise e leitura de textos, assim como pela prática da escrita, compreender as diversas maneiras como podem se manifestar as relações de intertextualidade, explícita ou implicitamente, dentro do texto.

### **3.2.6 Coerência e coesão**

Se considerarmos os fatores de textualidade estudados anteriormente (informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade), perceberemos que tais conceitos apresentam-se como propriedades que exploram características das relações estabelecidas entre o texto e agentes que estão localizados fora dele. Como exemplos destes agentes, podemos elencar o próprio autor do texto, seus futuros leitores ou até mesmo trabalhos produzidos por outros autores.

Quando falamos em coerência e coesão, no entanto, tomamos o texto e analisamos elementos que estão localizados no interior de suas fronteiras, sejam no encadeamento das ideias utilizadas para a exploração e desenvolvimento dos temas nele explorados, sejam nas escolhas lexicais utilizadas para concretizar tal encadeamento de ideias, reforçando a ligação existente entre elas.

A partir da coerência, por exemplo, olhamos para o texto em seu aspecto macro, avaliando se há unidade, se existe um diálogo que faça sentido entre as ideias encadeadas no trabalho desenvolvido. Em outras palavras:

“A coerência em um texto se apresenta em forma de sentido e de enunciados ligados de maneira ordenada, significativa e de fácil entendimento por parte do leitor para chegar à compreensão do texto como um todo coerente. Essa ordenação consiste em expor as ideias de forma concatenada, de modo que remetam a um item já expresso e, ao mesmo tempo, em renovar conteúdos, ou serão

apenas meras repetições que tornam o texto incoerente, sem nenhuma informação que contraponha o que foi mencionado anteriormente.” (DA ROCHA; SILVA, 2017, p. 38).

Encontramos na coerência, portanto, um fator de textualidade que nos permite constantemente avaliar se o desenvolvimento do nosso texto corresponde aos objetivos que o motivaram desde o início. Além disso, este critério também nos permite sondar se as ideias apresentadas complementam-se umas às outras, de modo a garantir a construção de um texto fluido e dinâmico, que dispensa exposições desnecessárias.

A coesão, por sua vez, olha para o texto em seu aspecto micro, configurando-se como “a ligação coerente entre as partes de um texto, produzida por uma escolha correta de operadores textuais; ela funciona como um conector entre frases e parágrafos e tem como função agir, juntamente com a coerência, para dar um sentido amplo ao texto.” (DA ROCHA; SILVA, 2017, p. 35)

Para melhor entender o papel desempenhado por este fator de textualidade, podemos refletir sobre como de pouco adianta para o autor de um texto embasar o seu trabalho em ideias coerentes e bem segmentadas, mas falhar em fazer uso dos elementos lexicais apropriados para garantir que tais ideias sejam devidamente encadeadas quando finalmente passadas para o papel. Lembrando que o texto deve apresentar-se como uma unidade, demandando para isso a utilização por parte do escritor de elementos que garantam essa costura.

Encontramos, portanto, na coerência e na coesão fatores de textualidade que trabalham a estrutura do texto. Evidentemente, torna-se de grande importância observar que estes critérios não estão isolados dos demais, já que realizar a manutenção da coerência e da coesão textual exige que o escritor não perca de vista os demais fatores de textualidade, para com isso garantir a unidade do texto produzido. Afinal, como observa Hartmann:

“(…) uma das principais qualidades de um texto escrito é a capacidade de oferecer uma resposta a uma determinada questão de forma organizada, em que as partes se completem reciprocamente, construindo um todo significativo que possa ser respondido. Quando um texto atende a essa exigência, dizemos que este é coeso e coerente.” (HARTMANN, 2012, p. 81)

Assim, ao considerar as observações realizadas, podemos concluir que um texto cuidadosamente estruturado, construído de forma coerente e coesa, apresenta maiores chances de transmitir a seus leitores uma mensagem clara e eficiente. De modo semelhante, contaremos com maiores condições de realizar uma análise e interpretação satisfatórias de uma obra quando esta observar os critérios que garantem tais fatores de textualidade.

#### **4. Considerações finais**

Como pudemos observar a partir do aprofundamento realizado nos segmentos anteriores, os fatores de textualidade desempenham papéis muito importantes dentro do texto. Quando trabalhados com atenção e competência, garantem ao texto as propriedades necessárias para que transmita com eficácia o conjunto de informações que seu autor deseja comunicar. Por outro lado, são também critérios que auxiliam o leitor a contextualizar e interpretar a obra em análise, oferecendo as ferramentas necessárias para a prática de uma leitura fluida e satisfatória.

Os fatores de textualidade configuram-se, portanto, como um conhecimento de grande valor para aqueles que desejam aprimorar suas capacidades de leitura e escrita, tendo em vista que estimulam um processo de constante reflexão sobre o texto, de ponderação sobre sua adequação aos seus contextos de produção e recepção, e sobre sua capacidade de estabelecer um diálogo consistente não apenas com seus leitores, mas com os autores e as obras que constituem a teia de referências da qual inevitavelmente fará parte.

Principalmente para os alunos do ensino superior, que em sua trajetória acadêmica serão desafiados com tarefas que demandam a análise e interpretação de textos complexos, assim como a produção de textos que correspondam a exigências muito bem delimitadas, os fatores de textualidade mostram-se como ferramentas valiosas.

No entanto, é importante salientar que o estudo dos fatores de textualidade não deve ser desenvolvido como uma atividade isolada, e sim em conjunto com a prática constante da leitura e da escrita. O engajamento em tais atividades permitirá aos

estudantes observar como funcionam na prática os aspectos do texto trabalhados pelos fatores de textualidade, e sobre os quais tais fatores de textualidade nos auxiliam a refletir e ponderar.

## 5. Referências

ANDRADE, Anderson Monteiro; PENEDO, Fernanda Pereira. **A situacionalidade e a aceitabilidade como elementos orientadores para a produção e recepção de textos.** VERBUM (ISSN 2316-3267), n. 10, p. 45-60, 2016.

ANDRADE, Heidy Elizia Sauer. **Competência de leitura e escrita em universitários.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 10, Vol. 08, pp. 165-180, 2019.

COSTA, Daniela dos S. **Fatores de textualidade na produção textual.** Revista Diadorim, v. 6, p. 117 - 130, 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DA ROCHA, Max Silva; SILVA, Maria Margarete de Paiva. **A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade.** A Cor das Letras, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 26-44, 2017.

HARTMANN, Schirley Horácio de Gois; SANTAROSA, Sebastião Donizete. **Práticas de escrita para o letramento no ensino superior.** 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e escrita.** Signótica, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 119-146, 1997.

MARQUESIN, Denise Filomena Bagne; BENEVIDES, Claudio Roberto; BAPTISTA, Denise Cristina. **Leitura e escrita no ensino superior.** Revista de Educação, v.14, n. 17, p. 9 - 28, 2011.



ROCHA, Renata Amaral de Matos. **Texto e Textualidade**. Anais do SIELP. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2014.

SILVA, Rita do Carmo Polli da; **A linguística textual e a sala de aula**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.